



Ano 1 | # 1 | edição bimestral | novembro e dezembro de 2008

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

A arte de adestrar focas para exercer a vigilância do cotidiano

JORGE, Thaís Mendonça de. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

Maria do Socorro F. Veloso¹

Você é mandado para cobrir a inauguração de uma estrada na periferia, porém detesta esse tipo de trabalho. O que faz? a) Executa uma busca na internet ou no departamento de pesquisa e verifica quantas estradas foram inauguradas pelo prefeito no último ano; b) Tenta convencer o chefe de reportagem de que não é a pessoa mais adequada para esse tipo de cobertura; c) Vai de cara amarrada, torcendo para a inauguração já ter terminado; d) Vai atrás da matéria de qualquer jeito, pois sabe que nem vai sair; e) Tenta trocar a incumbência com um colega.

A questão pode parecer ingênua. E é, se formulada a profissionais de imprensa experimentados, em plena labuta nas redações, ou que passaram muito tempo nelas e depois ingressaram na carreira docente. Mas se dirigida a um iniciante nas lides jornalísticas, um *foquinha*, a resposta talvez não soe tão óbvia assim.

A pergunta consta de um curioso teste para verificação de habilidades de jovens repórteres, que pode ser conferido no livro *Manual do foca: Guia de sobrevivência para jornalistas*, recentemente lançado pela Editora Contexto. A autoria é da jornalista Thaís de Mendonça Jorge, professora da Universidade de Brasília (UnB).

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Profissional com sólida carreira no mercado de jornais e revistas, Thaís passou pelas redações de O Globo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, Correio Braziliense, IstoÉ e Nova, entre outros veículos. Com criatividade e didatismo, reuniu no livro informações que ajudarão estudantes da área a compreender os procedimentos de apuração e redação jornalísticas. Para professores, o guia também pode servir de apoio. Ainda que cheios de boas intenções, nem sempre estamos bem equipados para discorrer sobre as funções e ferramentas da profissão, do ponto de vista conceitual ou nas produções laboratoriais. E essa dificuldade o livro ajuda a resolver com suas dezenas de exemplos práticos sobre produção da pauta, apuração de informações e estrutura do texto noticioso.

Thais Jorge começou a escrever o livro em 1986, quando foi chamada para dar aulas na Universidade Federal Fluminense. “A carência de material prático para as disciplinas técnicas do curso de Jornalismo tornou-me uma colecionadora de documentos da rotina diária dos jornais”, conta. Dividida entre a redação e a sala de aula, se acostumou a juntar pautas, comentários, boas matérias publicadas, tudo, enfim, o quanto pudesse sustentar suas idéias sobre a prática profissional. Apelando à compreensão dos colegas, confessa: “Quantas vezes sursurpiei anotações e papéis deixados ao lado das máquinas de escrever...Passei a incorporar ao acervo também exercícios, textos escritos pelos alunos e bilhetes enviados pelo computador”. Reunido, esse material transformou-se em apostila e foi testado depois com estudantes de jornalismo da Universidade de Brasília, onde a autora ingressou ainda na década de 1980.

Com prefácio de Ricardo Noblat, *Manual do foca* é dividido em três partes, nas quais a autora aborda conceitos, métodos de apuração e técnicas de redação. Na primeira parte, ao explicar o que é notícia, utiliza uma velha fórmula citada por professores nos primeiros dias de aula: *Se um cachorro morde um homem, isso não é notícia. Mas se um homem morde um cachorro...* Thaís repete a máxima um tanto gasta pelo uso, mas o faz com uma diferença fundamental: os exemplos que a ilustram. Cinco notícias colhidas em jornais, portais e agências relatam histórias de cães mordidos por pessoas, nas mais pitorescas situações. Seu objetivo é mostrar como o novo, o inusitado, o sensacional e o misterioso compõem a natureza da informação jornalística.

A primeira parte do livro também apresenta uma resenha dos critérios de noticiabilidade discutidos por autores como Mauro Wolf e Gaye Tuchman. Thaís relaciona os valores-notícia em dois grupos: os “fundamentais” (atualidade, proximidade, notoriedade) e os “temáticos” (sexo, poder, dinheiro, morte, mistério, amor, saúde, lazer etc). E sugere ao

leitor: “Faça-se a pergunta: por que um assunto é relevante? A resposta será um valor-notícia”.

Um dos capítulos orienta para a elaboração de pautas. A autora reúne 16 modelos produzidos para jornais, agências de notícias, portais e emissoras de rádio e tevê, para demonstrar como esse documento adota linguagem e formato típicos, dependendo do veículo a que se destina. Estabelece, também, algumas diferenças na maneira de se elaborar pautas dentro de uma empresa jornalística, de acordo com a finalidade da matéria.

Indiferente ao risco de reducionismos, e sem dispensar o bom humor, Thaís relaciona os repórteres por espécie (do “denuncista” ao “entrão”, do “humanista” ao “tímido”, do “investigador” ao “repórter-redator”), e aponta a função de reportar como a mais desvalorizada da redação. Mas jornalismo é “cachaça”, justifica a autora, razão pela qual ainda existe tanta gente almejando ingressar na profissão.

O capítulo dedicado à reportagem também apresenta um teste elaborado por Thaís Jorge a partir de experiências trazidas das ruas por seus alunos. A intenção é verificar as habilidades de um repórter. Ainda que confuso em algumas questões, é um bom pretexto para a discussão de situações que afligem os iniciantes, como uma pauta perdida ou uma pergunta que deixou de ser feita.

O lide também mereceu capítulo à parte, com uma seqüência de exemplos sistematizados por tipos. A autora pretende mostrar como é possível abrir uma matéria das mais diferentes formas, dependendo do ângulo que se pretende enfatizar. Mas lembra que a classificação proposta é apenas para fins de estudo. O jornalista atuante em redações jamais pensa numa “tipologia” do lide quando começa a escrever sua matéria.

Ardorosa defensora da pirâmide invertida, Thaís Jorge dedica um capítulo ao esquema de construção de textos inventado no século 19 e ainda em pleno vigor no século 21. “Muitos tentam derrubar o lide em favor de uma aproximação com o que seria o *new journalism* (novo jornalismo) ou o jornalismo literário. Querem inventar novas regras, atacam as fórmulas tradicionais, porém, a pirâmide se impõe sempre que se deseja uma comunicação objetiva e direta”, escreve a autora. O capítulo dissecou notícias e reportagens para demonstrar a eficácia da fórmula, enquanto apresenta seus pressupostos e orienta para a aplicabilidade do estilo.

Manual do foca recusa, no entanto, a problematização da prática jornalística a partir do campo teórico, assim como o debate de questões deontológicas. A obra não analisa as

contradições inerentes à profissão, o monopólio da mídia ou os jogos de poder entre elites e veículos. Seu objetivo é franco e está expresso no título. Como manual, o livro de Thaís cumpre o que promete, à medida que diz por quê, quando, onde e como produzir uma notícia. Não há espaço para incômodos de ordem epistemológica.

Tome-se como exemplo a questão de nº 10 do teste de habilidades, que encerra a primeira parte do livro: “O que não se deve perguntar numa entrevista? a) Se o presidente está gripado; b) Se o entrevistado sabe ler ou escrever; c) Tudo é permitido. Perguntar não dói”.

A autora manda cravar a resposta c, mas alertando para a necessidade do repórter de ser responsável e vigilante. Como habitou as redações por muito tempo, sabe que a questão não é tão simples como parece. Ao recordar episódios célebres como o da repórter Sônia Carneiro perguntando a Fernando Collor se ele tinha aids, Thaís ensina: devemos fazer as perguntas a serem feitas. Mas é preciso fazê-las de maneira polida, sem agressão. “Ele [repórter] tem todo o tempo do mundo para desenvolver a habilidade de bem questionar”, conclui.